



## O eu e o outro no processo de produção de dissertação de mestrado: reflexões sobre autoria na perspectiva bakhtiniana

*The self and the other in the production process of the Master's thesis: reflections on authorship from a Bakhtinian perspective*

Patrícia Souza Lemos<sup>1</sup>  
Márcia Helena de Melo Pereira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O surgimento da autoria encontra-se atrelado à criação da escrita, sendo esta resultado do desenvolvimento das sociedades e seu alto grau de complexização. Por muito tempo, essa figura foi delineada como expressão da subjetividade de um “gênio criador”, porém, no início do século XX, sofreu intensas críticas e, também, reposicionamentos, como observamos nos pressupostos bakhtinianos: uma posição sócio-histórico-discursiva. Assim, objetivamos descrever o processo de instauração da autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado com base nas proposições de Mikhail Bakhtin, considerando principalmente o princípio dialógico intrínseco à linguagem e a alteridade como constitutiva das relações humanas. Fundamentamos nossas reflexões e análises em obras de Bakhtin (2011a, 2011b, 2011c, 2014, 2017, 2018) nas quais discute mais profundamente sobre autoria, além de dialogarmos com outros pesquisadores de linha bakhtiniana. Esta investigação classifica-se como bibliográfica e descritiva, porquanto nos fundamos em produções relativas à temática abordada para realizar uma breve historicização e, por conseguinte, executar a análise de nossos dados, ou seja, trechos de versões de textos que compõem o processo de produção do gênero dissertação. Nossas análises revelam-nos que a autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado constitui-se mediante um processo marcado pela articulação de “vozes teóricas”, realizada de forma dialógica e alteritária, como uma resposta a ser dada.

135

**Palavras-chave:** Autoria; Dissertação de mestrado; Dialogismo; Alteridade

**ABSTRACT:** The emergence of authorship is tied to the creation of writing, this is the result of the deployment of societies and their higher degree of complexity. For a long time, this figure was outlined as an expression of the subjectivity of a “creative genius”, however, at the beginning of the twentieth century, it suffered intense criticism, and, also, repositioning, as we observe in Bakhtinian assumptions: a social-historical-discursive position. Thus, we aim to describe the process of establishing authorship in the academic genre of the Master's thesis based on Mikhail Bakhtin's propositions, considering mainly the dialogic principle intrinsic to language and alterity as constitutive of human relationships. We base our reflections and analysis on Bakhtin's (2011a, 2011b, 2011c, 2014, 2017, 2018) works in which he discusses authorship more deeply, and we also dialog with other bakhtinian researchers. This research is classified as bibliographic and descriptive, since we based it on the productions related to the theme addressed to make a brief historicization and, consequently, to perform the analysis of our data, that is, excerpts from text versions that make up the production process of the genre Master's thesis. Our analysis shows that the authorship in the academic genre of the Master's thesis is established through a process marked by the articulation of “theoretical voices”, performed in a dialogical and alteritarian way, as an answer to be given.

**Keywords:** Authorship; Master's thesis; Dialogism; Alterity

<sup>1</sup> Doutora em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: patricianoslemos@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5282-5598>.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. E-mail: marciahelenad@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3663-3462>.



## Introdução

A criação da escrita é resultado do desenvolvimento das sociedades e de seu alto grau de complexização (CAMARA JR., 1975; HOBINSON, 2016). Disto decorre o surgimento de uma figura também complexa e que ainda desperta relevantes discussões: o autor de obras escritas. A partir dos períodos conhecidos como Idade Média e Renascimento, a pessoa do autor passou a ser delineada como um “gênio criador” dotado de um “dom”; a Estética Romântica, por sua vez, alimentou essa concepção de autoria como expressão da subjetividade individual (CAVALHEIRO; GUERREIRO, 2016; COMPAGNON, 2001). No entanto, no início do século XX esses conceitos começam a ser abalados por outras correntes, tais como o Formalismo russo, o *New Criticism* americano, o Estruturalismo francês (COMPAGNON, 2001; STEMPEL, 1983; COHEN, 2002; LIMA, 2002; KRISTEVA, 1969). Assim sendo, a autoria passou a ser pensada não como pessoa individual com o “dom da escrita”, mas como posição sócio-histórico-discursiva, como observamos nos pressupostos bakhtinianos, neste estudo.

Nessa perspectiva, fundamentamos nossas reflexões e análises nas seguintes obras de Bakhtin: *Para uma filosofia do ato responsável* (2017), *O autor e a personagem na atividade estética* (2011a), *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018), *O discurso no romance* (2014), *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (2011b), além de dialogarmos com outros pesquisadores estudiosos de Bakhtin. Em síntese, salientamos que o autor, conforme Bakhtin, não se confunde com a pessoa que enuncia, mas constitui-se como uma posição sócio-histórico-discursiva responsável pela articulação de vozes sociais no interior da obra criada, possibilitada em virtude do caráter dialógico da própria linguagem. Neste sentido, vale considerar que a existência do autor pressupõe a do indivíduo, sendo este um ser social, responsável e responsivo, constituído pela alteridade, isto é, atravessado pelas palavras do outro, as quais ele assume, refuta, complementa.

Consoante Bakhtin (2017), a criação estética representa um exemplo bem-sucedido de um tipo de relação humana, de modo que o ingrediente para a construção estética, neste caso para a criação da personagem e de seu mundo, encontra-se no exterior, no outro, sendo o autor, assim, uma figura exotópica. Em nossa pesquisa, porém, não nos concentramos na criação literária, mas, sim, na produção acadêmica, pressupondo haver, neste contexto, um tipo de relação humana, marcada pela apreensão das palavras dos outros, como nas citações de autores, bem como pela interlocução estabelecida entre o escrevente e professor orientador,



professores componentes de bancas. Entretanto, mesmo pesquisando um gênero acadêmico, diferentemente de Bakhtin, as teorias bakhtinianas fundamentam nosso trabalho em virtude da elasticidade e adaptabilidade de seus conceitos.

Assim sendo, questionamos: de que maneira ocorre o processo de instauração da autoria na produção do gênero acadêmico dissertação de mestrado, levando-se em consideração o diálogo do escrevente com o outro, seu interlocutor, na relação que se estabelece no âmbito acadêmico? Nossa hipótese é a de que a autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado se constrói com base na intenção discursiva do autor em um processo marcado pela articulação de “vozes teóricas”, tanto dos autores citados quanto dos professores orientador e componentes de bancas, dialógica e alteritariamente, as quais atravessam o texto. Desse modo, objetivamos, neste estudo, descrever o processo de instauração da autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado com base nas proposições de Mikhail Bakhtin, considerando principalmente o princípio dialógico intrínseco à linguagem e a alteridade como constitutiva das relações humanas.

Em aspectos metodológicos, esta investigação classifica-se como bibliográfica e descritiva, no que tange aos procedimentos e objetivo (PRODANOV; FREITAS, 2013), uma vez que nos baseamos em produções relativas à temática abordada – a autoria –, no intuito de realizar uma breve historicização. Com base no levantamento bibliográfico e na definição de nossa filiação teórica à filosofia da linguagem de Bakhtin, realizamos a análise de nossos dados, ou seja, trechos de diferentes versões de textos que compõem o processo de produção de dissertação de mestrado. O corpus de nossa pesquisa<sup>1</sup> compõe-se de textos digitais, textos impressos, mensagens de e-mail, conversas de aplicativo de mensagens (áudio e escrita), os quais compreendem desde o projeto de pesquisa com o qual o candidato deu entrada no programa de pós-graduação, passando pelas diferentes versões das seções teórica, metodológica, analítica, até as versões para qualificação, defesa e versão final para depósito. Neste artigo, damos destaque a alguns comentários inseridos pelo orientador, professores de bancas de qualificação e defesa, pois dão conta do caráter dialógico e alteritário da escrita e da relação entre o pesquisador e seus pares.

Para organizar nossos dados, contamos com o subsídio da Crítica Genética, uma disciplina com origem na Crítica Literária e que tem como objeto de estudo os manuscritos (ou

---

<sup>1</sup> Este artigo tem origem na tese de doutorado intitulada *A fundação da autoria no processo de produção de dissertação de mestrado: o autor (inter)mediado*, com o projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP-UESB) em 24 de julho de 2019 e aprovado em 06 de setembro de 2019, sob o número do CAAE: 17882719.5.0000.0055.



os documentos de processo), dedicando-se à investigação do percurso de criação de uma obra (SALLES, 2008). Neste sentido, seguimos quatro passos principais: Estabelecimento da documentação – coleta dos manuscritos/documentos de processo; Especificação das peças – classificação provisória das peças que compõem o dossiê; Classificação genética – arranjo mais preciso dos documentos gerando encadeamentos, com datações, por exemplo; Decifração e transcrição – transcrição dos manuscritos para disponibilização à comunidade (BIASE, 2006). De posse do material compilado e organizado, fizemos *prints* de tela dos textos em formato digital e dos textos impressos digitalizados para fins de análise com base em nossa fundamentação teórica.

Quanto à organização do artigo, encontra-se assim dividido: nesta introdução apresentamos nossa contextualização do objeto de pesquisa, problematização, objetivo e metodologia; na seção seguinte, tratamos a respeito do gênero acadêmico dissertação de mestrado com base, especialmente, na teoria bakhtiniana sobre os gêneros do discurso; em seguida, expomos nossa fundamentação teórica, alicerçada principalmente em obras do filósofo russo Mikhail Bakhtin quanto à autoria, buscando alargar suas reflexões do campo literário ao domínio acadêmico; por conseguinte, apresentamos as análises de nossos dados, mediante o acompanhamento de recortes que constituem o processo de produção de uma dissertação de mestrado, com destaque para a interação estabelecida entre os principais interlocutores (mestrando-autor, orientador, professores componentes de bancas de qualificação e defesa); por fim, apresentamos nossas considerações gerais sobre as reflexões realizadas, no intuito de contribuir para os estudos linguístico-discursivos e do texto, ao focar em um tipo de relação humana: a orientação acadêmica.

### O gênero acadêmico dissertação de mestrado

Em cada campo de nossas atividades, nos seus diferentes domínios, utilizamos a linguagem verbal mediante tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros discursivos, modelos de textos de que dispomos em distintas situações sociocomunicativas (BAKHTIN, 2011c; MARCUSCHI, 2008). Em uma conversa descontraída com nossos amigos fazemos uso do diálogo cotidiano (um gênero primário – mais simples), bem como para fazer uma petição junto a um órgão de justiça utilizamos um requerimento (um gênero secundário – mais complexo), por exemplo. Dessa forma, para concluir um curso de pós-graduação em nível de mestrado e obter o título de mestre, avançando na formação e qualificação acadêmico-profissional, fazemos



uso do gênero acadêmico dissertação de mestrado. A produção deste gênero exige do escrevente-pesquisador alguns pré-requisitos: ter formação acadêmica, propor uma ideia para investigação mediante projeto/plano de pesquisa, submeter-se a processo seletivo, alcançar aprovação.

Para nós, é no projeto/plano de pesquisa<sup>2</sup> que se encontra a autoria em seu *status nascendi*, em sua origem, onde surge a ideia inicial que prefigura o problema de pesquisa, com seus *insights* e leituras prévias, ponto de partida para a dissertação de mestrado, nos casos em que não há mudança nos rumos da pesquisa, com abandono do plano inicial (BRAGA; 2005; LEMOS; PEREIRA, 2022). A produção da dissertação acontece ao longo do curso de mestrado, em resposta, portanto, à proposta de investigação de um fenômeno apresentado no projeto e essa produção não acontece “na mais profunda solidão”, pois o mestrando estabelece importantes interlocuções: com os autores citados, com seu professor orientador, com os professores componentes de bancas de qualificação e defesa, por vezes com profissional revisor de texto, e outros. Conforme Bakhtin (2011c), a linguagem verbal é primordialmente dialógica, com a pressuposição de, no mínimo, dois indivíduos, dois discursos, duas opiniões, de modo que apreendemos e utilizamos os gêneros discursivos em resposta aos outros, porquanto somos seres sociais, responsivos e responsáveis (BAKHTIN, 2017; AMORIM, 2018).

O texto na condição de enunciado vivo, em consonância com Bakhtin (2011b), apresenta as seguintes características: Ideia (intenção) e a realização da intenção; Interação entre interlocutores; Funções dos gêneros de texto (uso social); Caráter individual, único, singular; Sentido é dialógico. Importante mencionar que essa intenção, no caso da autoria, deve ser pensada como uma intenção discursiva, resultante do posicionamento sócio-histórico-discursivo do sujeito, sendo este social, responsável, responsivo e, portanto, um sujeito que se relaciona com seus interlocutores, utilizando determinado gênero em situação sociocomunicativa que condiciona seu uso. Ademais, o sentido, por sua vez, não está no locutor/autor, como sua origem, mas é partilhado, resulta da dialogicidade intrínseca à linguagem, visto que “Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada” (BAKHTIN, 2014, p. 89).

O gênero acadêmico dissertação de mestrado é produzido em um contexto de grande complexidade cultural, ou seja, é criado e circula no domínio acadêmico-científico, sendo

---

<sup>2</sup> No capítulo intitulado *Produção de projeto de pesquisa e instauração da (co)autoria: processo de letramento e ato criador*, componente do livro *Inquietações do e no tempo presente: sociedade, cultura, política, linguagem e comunicação*, discutimos, de maneira mais detalhada, a respeito do gênero acadêmico projeto de pesquisa, com enfoque na relação entre a (co)autoria e o letramento acadêmico.



produzido por um indivíduo já inserido nesse ambiente, com algum nível de letramento acadêmico, ou seja, experiência com as práticas sociais de uso da leitura e da escrita próprias a esse domínio, em interlocução com seus pares (KLEIMAN, 2005; FIAD, 2015). Com base nos pressupostos bakhtinianos sobre os gêneros discursivos, todo gênero funda-se em três pilares: conteúdo, estilo e composição, os quais encontram-se interligados entre si. Salientamos, então, que o gênero em questão possui um centro valorativo (conteúdo), registrado em linguagem acadêmica (estilo) e sob um modo de organização (estrutura).

Grosso modo, o conteúdo temático trata-se do fator orientador da comunicação discursiva (RIBEIRO, 2010), no caso da dissertação, do objeto pesquisado e das relações que mantém com outros discursos, e refere-se, ainda, ao sentido do enunciado como um todo (MOTTA-ROTH, HENDGES, 2010); quanto ao estilo de linguagem em dissertação de mestrado, “[...] sua escrita obedece à variedade formal da língua, em tom mais impessoal – o que não significa dizer que não haja aparição da subjetividade de quem escreve” (PEREIRA; LEMOS, 2020, p. 382).

A estrutura composicional representa a organização do enunciado em seu todo; pela forma do enunciado também é possível marcar as suas fronteiras, seu acabamento e, assim, passar a palavra ao outro (MOTTA-ROTH; HENDGES, 2010), por exemplo, no caso da dissertação analisada, a passagem da palavra para o outro ocorre em vários momentos: na finalização de uma seção pelo escrevente e envio ao orientador, na produção de uma versão para qualificação e/ou defesa e envio aos professores das bancas, na realização de ajustes e encaminhamento do texto para o revisor etc. De acordo com Bakhtin (2011c, p. 272), “[...] cedo ou tarde, o que foi ouvido [ou lido] e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte [leitor]”.

Assim sendo, ressaltamos o caráter explicitamente dialógico do gênero dissertação de mestrado por meio das citações de autores ao longo do texto, os quais fundamentam a investigação, bem como a dialogia implícita marcada pelo diálogo entre o mestrando e o professor orientador, professores de banca de qualificação e defesa e, até mesmo, revisor de textos, representando vozes que atravessam o texto, porém, ao final da pesquisa, tem-se a impressão de que o texto resultou do trabalho de somente um escrevente, o autor. A seguir, passamos à discussão sobre a autoria com base em Bakhtin.





## A autoria na perspectiva bakhtiniana

Conforme afirmamos na introdução, no início do século XX, em razão do foco na pessoa do autor, em sua genialidade e criatividade, na expressão de sua individualidade, em sua intenção como fator preponderante para a interpretação da obra, começou-se a questionar o império da figura autoral, de modo que algumas correntes passaram a marginalizá-la.

Em síntese, o Formalismo russo, o *New Criticism* americano, o Estruturalismo francês, nesse período, foram as principais correntes empenhadas em combater esses equívocos pela tentativa de supressão da autoria: a primeira focada nos estudos poéticos desconsiderando traços de natureza biográfica (STEMPEL, 1983), a segunda em defesa de uma posição anti-intencionalista (BEARDSLEY; WIMSATT, 1946) e a terceira com a proposta de substituição do homem em seus estudos pela linguagem (KRISTEVA, 1969). Estas posições, isto é, creditar somente à autoria o sentido da obra ou denunciar sua pertinência à significação da obra, no entanto, são bastante radicais (COMPAGNON, 2001).

Também no início do século XX, Mikhail Bakhtin já lançava as bases de sua filosofia da linguagem, porém conhecidas pelo ocidente de forma tardia; por exemplo, o livro *Para uma filosofia do ato responsável* foi escrito na década de 1920, mas chegou ao conhecimento do público, pela primeira vez, em 1986 (FARACO, 2017). Vale mencionar que o pensamento de Bakhtin passou por fases de evolução, conforme descrevem Clark e Holquist (2008, p. 31): “Houve uma fase filosófica entre 1918 e 1924 aproximadamente, quando, sob pesada influência do neokantismo e da fenomenologia, tentou pensar cabalmente uma compreensiva filosofia própria”. Em seguida, “entre 1925 e 1929, começou a afastar-se da metafísica e entrar em diálogo com movimentos intelectuais então em curso, como o freudismo, o marxismo soviético, o formalismo, a linguística e até a fisiologia” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 31). Nos anos de 1930, “[...] procurou uma poética histórica na evolução do romance. E, finalmente, nas décadas de 1960 e 1970, retornou à metafísica a partir de uma nova perspectiva da teoria social e da filosofia da linguagem” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 31).

Neste estudo, não iremos abordar com profundidade a teoria bakhtiniana, como fizemos na tese, primeiro porque nosso foco é apenas a temática autoria, segundo porque a extensão de um artigo não comportaria tal discussão, que poderá ser acompanhada na tese mencionada. Assim, verificamos que desde o início de sua produção Bakhtin se atentou para a questão da autoria. Em *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924) localizamos as bases de sua “filosofia do ato” (FARACO, 2017), buscando superar a cisão entre “o mundo da cultura e o



mundo da vida” operada pelo pensamento de Kant e dos neokantianos (BAKHTIN, 2017, p. 43). “[...] uma filosofia que considere também o ato individual em sua unidade, que une o repetível da ação em si e o irrepitível do ato singular [...]” (SOBRAL, 2019, p. 39).

Nessa obra, Bakhtin (2017) destaca a responsabilidade individual de cada um de nós, relacionando-a à assinatura, mas assevera não ser a assinatura simplesmente que obriga o sujeito – social e responsivo – a algo e, sim, a adesão, o reconhecimento, o posicionamento em relação a uma opinião ou discurso. O centro da filosofia moral do pensador russo é o homem, situado em uma arquitetura que se funda em um eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro, portanto em uma relação de alteridade, em que a ligação com o outro é uma característica constitutiva, de modo que a autoria, na criação estética, constitui-se como uma instância responsável pela criação da personagem e de seu mundo, porém não a partir de seu próprio interior, nem da sua imaginação, mas com base em elementos externos, em outros indivíduos, outros discursos e opiniões (BAKHTIN, 2017).

Na obra *O autor e a personagem na atividade estética* (2011a), produzida entre 1924-1927, presente na coletânea intitulada *Estética da criação verbal*, Bakhtin trata, de modo especial, da relação entre o autor e o herói. Bakhtin (2011a) salienta que a criação estética representa um exemplo particular bem-sucedido de relação humana, porquanto o autor engloba outra pessoa, dotando-a de sentido, ao criar a personagem, o herói. Além disso, diferencia o autor-criador do autor-pessoa: elemento da obra e elemento da vida, respectivamente.

Em *O autor e a personagem...*, Bakhtin (2011a) já aponta para o tipo de personagem dostoiévskiana, autossuficiente e bem acabada, em comparação com as personagens românticas, caracterizadas e descritas conforme a opinião do autor. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, que teve sua primeira edição em 1929, o filósofo dedica-se ao estudo das obras de Fiodor Dostoiévski, também russo, ou seja, sobre os procedimentos utilizados por Dostoiévski para seus personagens falarem com voz própria, com “relativa liberdade e independência” (BAKHTIN, 2018, p. 52).

Consoante Bakhtin (2018), verifica-se na obra do autor de *Crime e Castigo* não um discurso, mas diferentes discursos, ademais suas personagens não se confundem com o autor, nem representam pessoas e sim discursos, caracterizando-se, ainda, não como figuras de quem o autor fala, mas com quem ele fala, em um nível de igualdade com o autor, não submetidas à sua vontade, pois os ingredientes para a obra, para o herói e seu mundo, estão fora do autor, encontram-se no outro, em outros discursos. No romance polifônico, como informa Bakhtin





(2018), a voz do autor, portanto, não se sobrepõe às das personagens, ainda que seja o criador da obra. “Assim, a nova posição artística do autor em relação ao herói no romance polifônico de Dostoiévski é uma posição dialógica seriamente aplicada e concretizada até o fim [...]” (BAKHTIN, 2018, p. 71). Destaca-se, então, outro elemento importantíssimo na filosofia da linguagem bakhtiniana: o dialogismo, constitutivo da própria linguagem.

Em *O discurso no romance*, por sua vez, produzido entre 1934-1935, Bakhtin (2014) concentrou-se em investigar a origem e evolução do gênero romanesco e afirma que “o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais” (BAKHTIN, 2014, p. 74). No que tange à autoria, destaca que esta instância torna-se responsável pelo “orquestramento” de vozes sociais, por meio da criação das personagens – um “tu” com quem se fala, em um processo alteritário (BAKHTIN, 2014).

Por meio da obra *O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas*, com produção entre 1959-1961, pudemos refletir a respeito do texto: na condição de dado linguístico e, principalmente, como enunciado, este pensado com base em sua função social, comportando a noção de interação comunicativa, intencional (BAKHTIN, 2011b). Nessa obra, o filósofo russo ressalta que compreender o autor significa compreender outra consciência, porquanto ele cria a obra (enunciado) com base em enunciados dos outros, na relação com estes e com seus valores (BAKHTIN, 2011b). Dessa maneira, o discurso do autor e os das personagens se encontram em razão das relações dialógicas estabelecidas.

Conforme vimos, Bakhtin trata da autoria no campo da produção literária, em que o autor cria as personagens e seus mundos, lembrando que estas não se referem a pessoas simplesmente, mas a discursos. Nós, porém, em nossa pesquisa, trabalhamos com a autoria no âmbito da produção acadêmica, em que não há a criação de personagens e seu mundo, no entanto o autor de gênero acadêmico, neste caso a dissertação de mestrado, cria uma espécie de “mundo teórico”, para o qual o escrevente requisita vozes sociais/teóricas, por meio dos autores citados, os “já ditos” sobre o objeto pesquisado, em interação, ainda, com interlocutores que, de forma institucional, participam da produção do texto: professor orientador, professores componentes de bancas de qualificação e defesa, por vezes profissional revisor de textos, e outros.

Assim como Bakhtin, não confundimos a pessoa do mestrando com a instância autoral constituída no interior do gênero, uma figura sócio-histórico-discursiva (BAKHTIN, 2011b, 2011c; ALVES FILHO, 2005), entretanto, acreditamos, de acordo com o caso aqui analisado, que a instauração da autoria ocorre ao mesmo tempo em que acontece a ampliação do letramento



acadêmico do estudante-pesquisador e isto acontece não em um processo solitário, como expressão de um estado interior do indivíduo. Há, em nossa perspectiva, um *insight* relativo a um fenômeno social, a ideia de pesquisa, contextualizado com base nos autores pesquisados e citados no texto, e o desenvolvimento da investigação e escrita do gênero se dá na relação com o outro, seu interlocutor, na orientação, nas arguições das bancas, nas leituras feitas por terceiros, de modo interativo, dialógico e alteritário.

De acordo com nossa pesquisa de doutorado, assumimos a autoria como uma tomada de posição sociodiscursiva, decorrente da responsabilidade individual humana, mas sem se confundir com o sujeito inscrito sob um número de CPF, e da intenção discursiva de um indivíduo responsivo e, portanto, interacional, posição que se sujeita e que reage às exigências do domínio discursivo, às conformações do gênero e às expectativas de seus interlocutores, com os quais constrói os sentidos.

Na seção seguinte, passamos à seção de análise dos dados, com foco especial em trechos que denotam a interação/interlocução do mestrando-autor com seus parceiros em várias etapas de sua pesquisa e escrita.

### O eu e o outro na produção de dissertação de mestrado: análise de dados

É importante mencionar que, por vezes, em especial no trabalho com revisão de textos acadêmicos, ouve-se de alguns estudantes queixas sobre a pouca atenção do orientador e a afirmativa: “Fiz o trabalho praticamente só!”. Isso nos conduz a refletir sobre o papel do escrevente (responsável pela pesquisa) e, principalmente, do orientador na pesquisa científica (acompanhar, analisar, direcionar, escrever junto?). Para nós, como propusemos na introdução, a autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado se constrói com base na intenção discursiva do autor em um processo marcado pela articulação de “vozes teóricas”, tanto dos autores citados quanto dos professores orientador e componentes de bancas, dialógica e alteritariamente, as quais atravessam o texto.

Por meio deste estudo, objetivamos descrever o processo de instauração da autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado com base nas proposições de Mikhail Bakhtin, considerando principalmente o princípio dialógico intrínseco à linguagem e a alteridade como constitutiva das relações humanas. Para tanto, fizemos recortes de nossos dados<sup>3</sup>, *prints* de tela

---

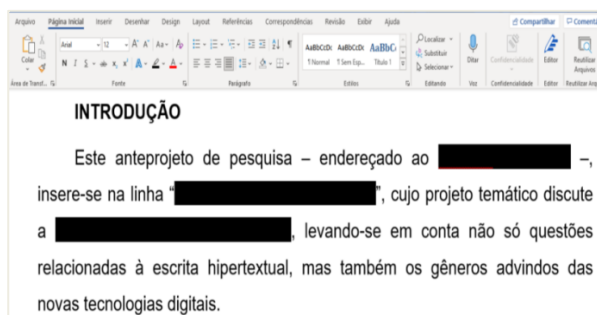
<sup>3</sup> Após aprovação e concordância do então mestrando em participar da pesquisa, este cedeu-nos as versões digitais do texto em *pendrive* e via e-mail, juntamente com as mensagens de e-mail e WhatsApp (texto e áudio)



de trechos de textos que representam o percurso de criação do gênero acadêmico dissertação de mestrado (SALLES, 2008), nos quais podemos verificar a interlocução estabelecida entre o mestrando-autor, seu orientador e professores de banca de qualificação e defesa.

Os dados aqui apresentados se referem aos seguintes documentos: anteprojeto de pesquisa com o qual o candidato obteve aprovação para o mestrado, conversa por aplicativo de mensagens entre mestrando e orientador, trecho da fundamentação teórica onde o escrevente cita alguns autores, trecho de versão da dissertação em etapa de qualificação com comentário de professor componente da banca, trecho de versão pós-qualificação ajustado pelo mestrando e trecho do texto em etapa de defesa com comentário de professor componente da banca. A Figura 1, seguinte, mostra nosso primeiro recorte, com foco na introdução do anteprojeto de mestrado, onde são apresentadas importantes informações.

**Figura 1** – Anteprojeto de pesquisa



**Fonte:** Dados da pesquisa.

O anteprojeto representa o “ponto de partida”, o planejamento inicial de uma investigação, onde se encontram as ideias de pesquisa, os *insights*, as “sacadas” do pesquisador, ao observar determinado fenômeno na sociedade ou em sua comunidade (BRAGA, 2005; CRESWELL, 2014; LEMOS; PEREIRA, 2022). No recorte anterior, verificamos que o candidato informa a sigla do programa de pós-graduação, a sigla da instituição de ensino, a linha de pesquisa e o projeto temático do suposto professor orientador; isto demonstra que sua pesquisa já “carrega” um pouco de seu interlocutor, pois dialogam em algum aspecto (BAKHTIN, 2011b, 2011c). De acordo com Bakhtin, o princípio dialógico é constitutivo da própria linguagem, sendo decisivo para a constituição do sentido, além disso o próprio homem, sendo um sujeito social, é

---

trocadas com seu orientador, além de fornecer-nos, presencialmente, as versões impressas relativas às etapas de qualificação e defesa, com registros escritos dos professores componentes das bancas. Os textos da dissertação compreendem: o projeto de pesquisa submetido ao processo seletivo, as seções/subseções produzidas por peças e posteriormente reunidas em uma só peça, a versão para qualificação, a versão pós-qualificação, a versão revisada, a versão pós-defesa, nova versão revisada e a versão final.

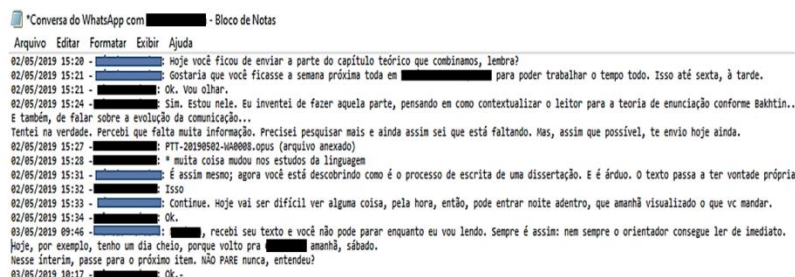


um ser de resposta (BAKHTIN, 2011c; MEDEIROS, 2006), assim “[...] cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011c, p. 297).

Dessa forma, este primeiro dado permite-nos observar a interlocução com o outro no princípio do percurso, o projeto, pois a temática abordada pelo candidato deve dialogar com a linha de pesquisa do possível orientador (BAKHTIN, 2011), porquanto faz parte do contexto da seleção para curso de pós-graduação que o projeto do candidato apresente relação com uma linha de pesquisa e projeto temático, sendo direcionado a um professor, de modo que o discente se encontra em interação com um professor-pesquisador, e este, de certo modo, já começa a fazer parte da investigação, ao ser pretendido pelo candidato.

No caso por nós analisado, identificamos que no anteprojeto está contida a ideia de pesquisa (BRAGA, 2005), logo uma intenção discursiva e sua realização por meio do enunciado (BAKHTIN, 2011b), sendo também o anteprojeto o lugar do nascedouro da instância autoral, onde encontramos essa figura em seu *status nascendi*, seguido de um processo de ampliação que se dá com o desenvolvimento da pesquisa de mestrado e produção do gênero acadêmico dissertação. Ainda que não confundamos a pessoa do escrevente com a figura autoral (BAKHTIN, 2011a), reconhecemos que uma pressupõe a outra, por isso não descartamos dados como conversas entre orientador e orientando, especialmente por não serem sobre assuntos pessoais, mas, sim, com relação à pesquisa, conforme a Figura 2, seguinte, no intuito de conhecermos o percurso da investigação.

**Figura 2** – Conversa por aplicativo WhatsApp entre orientador e mestrando



**Fonte:** Dados da pesquisa.

Os interlocutores, como vemos, dialogam a respeito da produção do capítulo teórico. O discente menciona a necessidade de contextualizar o leitor, a constatação de que é preciso fazer muita pesquisa e o professor confirma que a escrita de uma dissertação é um trabalho “árduo”, portanto não é um dom ou pura inspiração subjetiva; ademais, como destaca Cortes (2009), a



produção científica é feita de trocas entre o autor e aqueles que ele cita. Observamos que, neste segundo dado, quem fala não é o autor, mas o pesquisador/mestrando com seu orientador, caracterizado como um sujeito responsivo, em um processo dialógico e alteritário (SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012). Bakhtin salienta que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2011, p. 395), assim torna-se coerente estudarmos o texto e a autoria considerando o sujeito falante/escrevente, uma vez que este vivencia o processo de letramento, neste caso acadêmico (KLEIMAN, 2005; FIAD, 2015).

Essas trocas mencionadas por Cortes (2009) podem ser observadas entre o autor de dissertação e seu interlocutor direto e principal, o orientador, e também na citação de outros autores, como ocorre na produção da fundamentação teórica, por exemplo, ilustrada na Figura 3, adiante. Vale mencionar que este trecho foi recortado da introdução da dissertação, na qual o escrevente destaca e compila os principais autores que fundamentam suas reflexões, realizando uma discussão mais ampla e aprofundada na seção teórica. Desse modo, nosso intuito, aqui, é ilustrar essa troca entre o autor da dissertação e aqueles por ele citados, ainda que esta troca, para o autor da dissertação, compreenda mais apreensão de conceitos do que fornecimento de contribuições, o que não invalida seu caráter dialógico.

**Figura 3** – Trecho da fundamentação teórica da dissertação

e fixa textos multissemióticos que contribuem para a constituição de sentido. Nesse sentido, nossa pesquisa conta com um embasamento teórico que oportunizou-nos compreender: o espaço hipertextual com suas características e funções – com base nos estudos desenvolvidos, principalmente, por Xavier (2002); o funcionamento do *blog* enquanto gênero discursivo/textual – a partir da teoria dos gêneros discursivos, por Bakhtin (2003), Marcuschi (2004) e Komesu (2005); o funcionamento do *blog* como suporte textual – fundamentado nos estudos de Marcuschi (2004); e, ainda, os fatores de textualidade e textualização necessários para o estabelecimento da coesão e coerência textuais – importantes mecanismos responsáveis para que o texto constitua um sentido para os interlocutores da ação comunicativa – ancoramos nos estudos de Koch (2015), Koch e Elias (2010) e Costa Val (1999).

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Em consonância com Bakhtin, ao enunciarmos, reatualizamos “já ditos” que fazem parte da cadeia da comunicação discursiva, como elos, que não podem ser separados daqueles que os precedem, “[...] gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas” (BAKHTIN, 2011c, p. 300). Verificamos que o autor da dissertação articula as vozes de pesquisadores consultados, por meio de citação (sobrenome do autor e ano), conforme assunto abordado, os quais, de forma dialogizada, são requisitados para fundamentar seu trabalho investigativo e



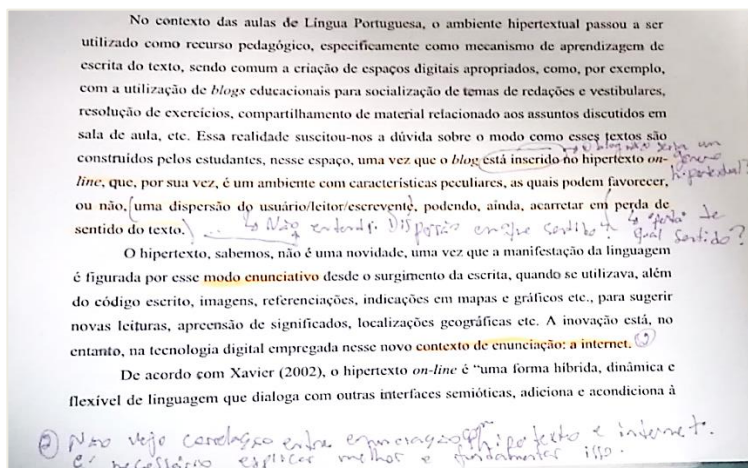
analítico. “Essas vozes e consciências não são objeto do discurso do autor, são sujeitos de seus próprios discursos”, sintetiza Bezerra (2018, p. 195).

Conforme discutimos, na criação estética o autor cria as personagens e seu mundo, porém estas personagens não representam pessoas, mas discursos, opiniões, com base naquilo que está fora, no outro (BAKHTIN, 2011a); na produção acadêmica, por sua vez, observamos que o autor de dissertação de mestrado, caso por nós analisado, não cria personagens e um mundo fictício, entretanto cria uma espécie de “mundo teórico”, para o qual requisita vozes sociais/teóricas, por meio dos autores citados, que também representam outros discursos, outras opiniões, “já ditos” que constituem “[...] elos na cadeia complexa de enunciados [...]” (BAKHTIN, 2011c, p. 272).

Uma das principais características do autor, em conformidade com o filósofo russo, no caso do romance polifônico, é “[...] uma posição dialógica seriamente aplicada e concretizada até o fim [...]”, ou seja, a realização do “orquestramento” de vozes discursivas, trata-se do dialogismo em seu mais alto grau. Na produção acadêmica, por meio da citação de diferentes autores, observamos o elemento dialógico de forma explícita, uma vez que representa uma exigência do contexto sociocomunicativo e do próprio gênero discursivo a menção ao nome, ano de publicação e número de página do autor citado, além da indicação da referência completa, evitando-se, desse modo, o risco de cometimento de plágio (PEREIRA; LEMOS, 2020).

No processo de produção da dissertação de mestrado em análise, verificamos que, além do professor orientador e dos autores citados na pesquisa, o mestrando-autor contou também com a participação/interlocução de outros parceiros, como os professores de bancas de qualificação e defesa. A Figura 4, a seguir, ilustra uma interação autor-professor, conforme transcrição: “O blog não seria um gênero hipertextual?”, “Não entendi. Dispersão em que sentido? Perda de qual sentido?” e “Não vejo correlação entre enunciação com hipertexto e internet. É necessário explicar melhor e fundamentar isso”.



**Figura 4 – Comentário do Prof. 2 da Banca de qualificação**

**Fonte:** Dados da pesquisa.

O exame de qualificação representa um pré-requisito para a defesa. Nele professores com prestígio e reconhecimento na área de estudos atuam como conselheiros e assessores visando realizar ações pertinentes à pesquisa (SERRANO, 2011). Diferentemente dos autores citados no texto, que cumprem o papel de fundamentar e dar autoridade à pesquisa, como vozes que confirmam a linha de pensamento do mestrando-autor, os professores componentes de bancas identificam pontos de fragilidade, lacunas, incorreções teóricas, propõem caminhos para a investigação, sinalizam outros pontos de vista para se refletir e problematizar, representando, assim, o papel do outro com quem o autor dialoga (BAKHTIN, 2014).

Marcuschi (2008, p. 233) destaca que, “[...] como seres produtores de sentidos, não somos tão lineares e transparentes quanto seria de desejar, e a compreensão humana depende da cooperação mútua”; assim, para nós, na produção científica, em razão da não transparência da língua, de não conseguirmos ser tão claros e objetivos como pensamos ser, de não conseguirmos dar conta de todo o potencial de uma temática, e pelo fato dos arguidores possuírem mais conhecimento e experiência acadêmica, verificamos a importância da colaboração do outro, sendo também uma exigência institucional.

Salientamos que, além dos apontamentos do professor no texto impresso, houve, também, interação verbal no momento da qualificação, da arguição da banca, a fim de interpelar o produtor do texto e esclarecer as questões levantadas pelos professores. Assim, na Figura 5, adiante, podemos observar que o trecho em discussão na figura anterior foi modificado, para dar conta do aconselhamento do professor: “É necessário explicar melhor e fundamentar isso”.



### Figura 5 – Ajuste pós-qualificação

Na escola, especificamente no contexto das aulas de Língua Portuguesa, o ambiente hipertextual *on-line* passou a ser utilizado como recurso pedagógico, como mecanismo de aprendizagem de escrita do texto, sendo comum a criação de espaços digitais apropriados, como, por exemplo, com a utilização de *blogs* educacionais para socialização de temas de redações e vestibulares, resolução de exercícios, compartilhamento de material relacionado aos assuntos discutidos em sala de aula etc. No entanto, conforme afirma Ribeiro (2018), embora tenhamos avançado no aspecto da acessibilidade às tecnologias digitais nos meios comunicacionais, ainda estamos sem grandes revoluções que possam modificar o processo de ensino-aprendizagem nos meios educacionais das escolas brasileiras. Isso porque, embora existam os documentos oficiais de regulamentação das áreas de ensino no Brasil, como, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>1</sup>, que orienta a inclusão das diversas tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula, não foi, exatamente, o que

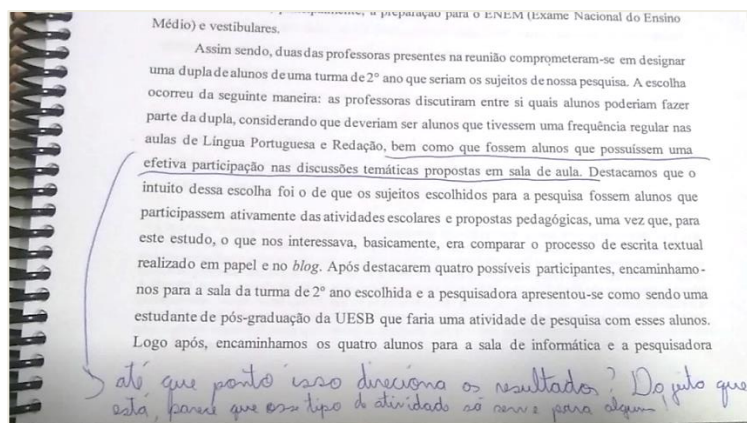
<sup>1</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que diz respeito ao ensino médio, ao reconhecer as potencialidades das tecnologias digitais no contexto da escola, define competências e habilidades em diferentes áreas do conhecimento e que possibilitam aos estudantes, dentre outros aspectos, "apropriar-se das linguagens da

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Verificamos, então, mudanças na textualização e inclusão de fundamentação teórica, baseando-se em Ribeiro (2018) e no documento referente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), possivelmente sendo uma proposta do professor, importante interlocutor nesse processo, responsável por avaliar e assessorar a pesquisa, fornecendo relevantes sugestões e soluções para questões de ordem teórica (SERRANO, 2011).

A Figura 6, adiante, apresenta outro recorte de interação com professor, dessa vez um componente da banca de defesa, nova etapa desse processo. Nas palavras do docente: "Até que ponto isso direciona os resultados? Do jeito que está, parece que esse tipo de atividade só serve para alguns!".

### Figura 6 – Comentário do Prof. 1 da Banca de defesa



**Fonte:** Dados da pesquisa.



Assim como no recorte anterior (Figura 4) e neste último dado (Figura 6), pressupomos que as perguntas dos professores conduzem o mestrando à reflexão sobre pontos do texto que demandam interpretação do fenômeno observado e seu posicionamento, bem como representam questionamentos e dúvidas do professor, na condição de leitor e avaliador da pesquisa. Ao analisarmos a versão pós-defesa, observamos que não houve nenhuma mudança no trecho grifado pelo professor, nenhuma explicação, inserção ou supressão de informação. Entretanto, acreditamos que a questão tenha sido discutida na sessão de defesa pública, à qual não tivemos acesso para esta investigação, com a justificativa para a indagação do professor.

Com base na análise dos recortes em que há interlocução com o professor orientador, professores de bancas de qualificação e defesa, constatamos que estes levantam questões relevantes – o orientador desde o início do processo de produção da dissertação –, interrogam e aconselham, dialogicamente, o mestrando, colaborando, assim, para a emergência da figura autoral, responsável pelo todo da produção.

No caso por nós analisado, com base principalmente na tese, que apresenta todo o processo analisado, bem como acontece de modo geral nos trabalhos acadêmicos, verificamos que muitas sugestões e propostas dos professores foram acatadas pelo mestrando, de modo que suas “vozes” atravessaram o texto, de forma implícita. Quando não houve modificação, ocorreu, pelo menos, o diálogo entre o autor e seus pares, ao longo da orientação, qualificação e defesa. No entanto, na versão final da pesquisa, resta a impressão de que o trabalho tenha sido apenas do escrevente, o autor.

### Considerações finais

O surgimento da figura autoral acompanha a criação da escrita, em razão do complexo desenvolvimento das sociedades. Ao longo do tempo, estabeleceu-se a concepção de que o autor se tratava do indivíduo criativo, com dom para a escrita, fonte da interpretação dos significados de uma obra, origem dos sentidos, sem se levar em consideração o encontro com o outro: o leitor/interlocutor.

Ao nos contrapormos a essa concepção de autor como gênio individual, buscamos descrever o processo de instauração da autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado com base nas proposições de Mikhail Bakhtin, considerando principalmente o princípio dialógico intrínseco à linguagem e a alteridade como constitutiva das relações humanas. Para tanto, fizemos recortes de trechos de diferentes versões de textos referentes às etapas de



produção da dissertação, além de conversas por aplicativo de mensagens, no intuito de acompanhar todo o processo de escrita e de instauração/ampliação da autoria.

Com base em nossos dados, constatamos que o anteprojeto de pesquisa representa o nascedouro da autoria, onde contém a ideia (posição discursiva do autor), mas não se trata de uma figura solitária, isto é, desde o começo, dialoga com a linha de pesquisa e o projeto temático do suposto professor orientador; ao longo de toda a pesquisa, estabelece-se o diálogo com os autores citados, os quais dão autoridade à investigação; durante o percurso do mestrado, há duas etapas, permeadas pela exigência institucional, marcadas pelo diálogo com profissionais: qualificação e defesa. Nessas etapas, há a identificação de fragilidades, lacunas, inconsistências teóricas, direcionamentos.

Desse modo, as análises de nossos dados revelam-nos que a autoria no gênero acadêmico dissertação de mestrado constitui-se por meio de um processo marcado pela articulação de “vozes teóricas” – intenção discursiva do autor, linha de pesquisa do orientador, autores citados, professores componentes de bancas – realizada de forma dialógica e alteritária, como uma resposta a ser dada, porquanto o dialogismo é um fenômeno próprio da linguagem, em que indivíduos e discursos se constroem na relação com o outro, na interação, ao considerar outros discursos, crenças, opiniões.

**Agradecimento:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. 1. ed. 5ª impressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 17-43.

ALVES FILHO, Francisco. **A autoria nas colunas de opinião da Folha de S. Paulo**. 2005. 261f. Orientadora: Ingedore Villaça Koch. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O autor e a personagem na atividade estética. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011a. p. 4-192.



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011b. p. 307-335.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011c. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini et al. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 71-210.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Para uma filosofia do ato responsável**. [tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017. 160p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BEARDSLEY, Monroe C.; WIMSATT, William Kurtz. The Intentional Fallacy. **The Sewanee Review**, Vol. 54, No. 3 (Jul. - Sep., 1946), pp. 468-488. Published by: Johns Hopkins University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27537676>. Acesso em: 21 maio 2020.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018. p. 191-200.

BIASI, Pierre-Marc. A crítica genética. In: BERGEZ, Daniel et al. **Métodos críticos para análise literária**. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1-43.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, 10(3), 288-296, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37542/40256>. Acesso em: 05 dez. 2021.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da Lingüística**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

CAVALHEIRO, Juciane; GUERREIRO, Anderson. Propriedade e colaboração autoral: de uma perspectiva histórica à era digital. **Revista de Letras Norte@mentos, Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 9, n. 19, p. 233-245, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/2186/1822>. Acesso em: 17 fev. 2020.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COHEN, Keit. O New Criticism nos Estados Unidos. Tradução: Ângela Carneiro; Revisão Fernando Augusto da Rocha Rodrigues. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas**





**fontes.** Vol. 2. 3. ed. Seleção, introdução e revisão técnica: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 549-583.

CORTES, Gerenice Ribeiro de Oliveira. Dialogismo e Alteridade no Discurso Científico. **Eutomia**, Ano II, Nº 2, Dezembro de 2009, p. 1-11.

CRESWELL, John W. O projeto de um estudo qualitativo. In: \_\_\_\_\_. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre cinco abordagens.** 3. ed. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa; Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 48-66.

HOBINSON, Andrew. A escrita e seu surgimento. In: \_\_\_\_\_. **Escrita: uma breve introdução.** Tradução Camila Werner. – Porto Alegre-RS: L&PM, 2016. p. 9-25.

COMPAGNON, Antoine. O autor. In: \_\_\_\_\_. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 47-96.

FARACO, Carlos Alberto. Um posfácio meio impertinente. In: BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável.** [Tradução aos cuidados de Vlademir Miotello e Carlos Alberto Faraco]. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. p. 147-158.

FIAD, Raquel Salek. Algumas considerações sobre os letramentos acadêmicos no contexto brasileiro. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 6, p. 23-34, jan. / jun. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/18424/13732>. Acesso em: 10 nov. 2021. DOI: 10.12957/pr.2015.18424

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e escrever? Campinas: Cefiel - Unicamp; MEC, 2005. 60 p.

KRISTEVA, Julia. **História da Linguagem.** Lisboa: Edições 70, 1969.

LEMOS, Patrícia Souza; PEREIRA, Márcia Helena de Melo. Produção de projeto de pesquisa e instauração da (co)autoria: processo de letramento e ato criador. In: SOUZA, Fábio Marques de; SILVA, Flávio José Souza; SILVA, Everton Wiliam de Lima. **Inquietações do e no tempo presente: sociedade, cultura, política linguagem e comunicação.** São Paulo: Mentis Abertas, 2022. p. 125-140.

LIMA, Luiz Costa. Estruturalismo e crítica literária. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da literatura em suas fontes.** Vol. 2. 3 ed. Seleção, introdução e revisão técnica: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 777-815.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p.: - (Educação linguística; 2)

MEDEIROS, Célia Maria de. Sujeito em Bakhtin: autoria e responsabilidade. **Revista da Faculdade de Seridó**, v. 1, n. o, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br>. Acesso em: 30 mar. 2021.





MOTTA-ROTH, Desirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PEREIRA, Márcia Helena de Melo; LEMOS, Patrícia Souza. Revisão textual e produção de dissertação de mestrado: uma reflexão sobre o risco de plágio. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 379-397, 2020, e-ISSN 1982-291X | ISSN 2317-3475

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Ebook – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Poliana B. Funcionamento do Gênero discursivo. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 54-67, 1º sem. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/download/3370/2240>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística / Cecília Almeida Salles. – 3. ed. revista. – São Paulo: EDUC, 2008. 140p. – (Série Trilhas)

SERRANO, Francisco Perujo. **Pesquisar no labirinto**: a tese, um desafio possível. Tradução: Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011. 160 p.

SOBRAL, Adail. **A filosofia primeira de Bakhtin**: roteiro de leitura comentada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2019.

SOUZA, Solange Jobim e; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, vol. 7, n. 2, São Paulo, July/Dec. 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-45732012000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000200008). Acesso em: 30 mar. 2021.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-45732012000200008>

STEMPEL, Wolf-Dieter. Sobre a teoria formalista da linguagem poética. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. Vol. 1. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983. p. 387-435.